

## **MULHERES HAITIANAS: UM OLHAR PARA A IMIGRAÇÃO COMO UMA DAS EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL**

Jessika Naftali de Andrade da Silva  
Jordhana da Silva Lima  
Teone Assunção  
Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

### **Introdução**

A proposta aqui apresentada visa, a partir da aproximação com a literatura crítica, refletir acerca da imigração de mulheres haitianas para o Brasil. Neste contexto, tem-se a imigração como uma das expressões da Questão Social, e, parte-se da hipótese que as discussões que se evidenciam em relação a mulher imigrante são ofuscadas por elementos étnicos culturais e relações de gênero.

Nesse sentido, considera-se que não é o gênero nem tampouco as questões étnico raciais e culturais que estruturam a sociedade capitalista, todavia, considera-se fundamental investigá-la a partir da compreensão de classe.

O tratamento dado à ideia de gênero na contemporaneidade é distinto daquele analisado por Marx. Para este, gênero é o humano, sem que esteja em pauta as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres. Diferenças determinadas socialmente, a partir de questões estruturais presentes na sociedade capitalista, como veremos a seguir.

### **Materiais e Métodos**

Realizou-se a revisão de literatura através de pesquisa bibliográfica em textos clássicos da teoria social crítica, além da aproximação aos conteúdos relacionados à temática, em artigo científico sobre a Imigração de mulheres haitianas para o Brasil: *“Feminização das Migrações Haitianas, transnacionalização dos vínculos familiares e processos de violências: apontamentos para o Serviço Social”* (Lisboa; Borba, 2022).

A partir do método materialista histórico-dialético foi possível analisar como Marx compreende o gênero a partir das relações sociais antagônicas próprias da sociedade capitalista.

## **Resultados e Discussão**

### **Imigração de mulheres haitianas: questão de classe**

Para Marx e Engels em ‘*O Manifesto Comunista*’,

A história de toda a sociedade que existiu até agora é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, chefe de corporação e assalariado; resumindo, opressor e oprimido, em constante oposição um ao outro, mantiveram ininterruptamente uma luta, as vezes oculta, as vezes aberta. Uma luta que todas as vezes terminou ou em uma reconstituição revolucionária da sociedade em geral, ou na ruína comum das classes rivais (Marx, 1996, p. 9).

Nota-se, na citada passagem de Marx, que não é possível adentrar na discussão da imigração de mulheres haitianas, sem levar em conta a importância de classes e da luta de classes que Marx coloca para analisar a realidade social.

O surgimento do modo de produção capitalista, diferente dos anteriores, nos quais as contradições de classes se expressavam por posições hierárquicas entre patricios, plebeus e escravos (Antiguidade), entre senhores feudais, vassallos, membros de corporações, artesãos e servos (Idade Média). Por sua vez, no capitalismo, evidenciou-se a exploração do homem pelo homem e o antagonismo entre as classes burguesa e proletária (Marx; Engels, 2008, p. 9).

Quando se trata sobre a questão da imigração de mulheres haitianas, como uma das expressões da Questão Social, observa-se na literatura crítica, a exemplo, de, ‘*O Capital*’ de Marx (2017), que a divisão da sociedade em classes, representa uma fonte de dominação, porém absolutamente legítima na ordem vigente, que agrega homens e mulheres no momento contemporâneo.

O desenvolvimento capitalista, ao longo da história, a exploração direta do trabalho pelo processo de industrialização, com a necessidade da extração do excedente através da exploração da força de trabalho, foi caracterizando as contradições de classe e a luta de classes. Dessa contradição, a imigração de

mulheres haitianas, está imbricada às relações sociais de produção. Ou seja, é nas relações sociais que se formaram na dialética histórica no modo de produção capitalista que se encontra o ponto de partida das análises, não se podendo, portanto, reduzir a investigação aos elementos étnicos culturais e relações de gênero como se fossem determinantes, em detrimento da questão estrutural relativa à sociedade de classes.

Na obra “*A origem da família, da propriedade privada e do Estado*” de Friedrich Engels (2016), indica como a condição de subordinação da mulher se dá por processos estruturais, do qual fazem parte, inclusive, o surgimento da primeira estrutura de classes entre homens livres e escravos.:

Todo o excedente deixado agora pela produção pertencia ao homem; a mulher tinha participação no consumo, porém não na propriedade. O “selvagem” – guerreiro e caçador – tinha se conformado a ocupar o segundo lugar na hierarquia doméstica e dar precedência à mulher; o pastor, mais “suave”, envaidecido com a riqueza, tomou o primeiro lugar, relegando a mulher para o segundo. E ela não podia reclamar (Engels, 2016, p. 197).

Neste sentido, a mulher passa a viver uma condição de subordinação e opressão não por sua condição natural de pertencimento ao gênero feminino, mas por sua função na sociedade, por não possuir os meios de produção, por ser dona apenas de sua força de trabalho e as atividades por elas desenvolvidas tratadas como se possuíssem menor valor social. Como integrante do núcleo familiar, a mulher não era proprietária, os bens não lhe pertenciam, não ficava isenta de usufruir, de consumir. Não lhe era possível ser proprietária.

Na mesma obra, Engels (2016), trata a respeito da origem da monogamia, sobre a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, mas sim pelas condições econômicas. Situação que se aprofunda com a constituição da propriedade privada: “o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino” (Engels, 2016).

Nasce a monogamia, sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, acompanhada da escravidão propriamente dita, e as riquezas privadas, num processo histórico do capitalismo – que dura até os dias atuais – de

desenvolvimento das forças produtivas às custas da dor de uns e repressão de outros (Engels, 2016).

Não obstante a isso, partimos da compreensão, acerca da discussão gênero para Marx, não nos é suficiente pensar de forma individualizada, ainda que isso também seja importante, pois, a subordinação da mulher aos homens está associada à instauração da propriedade privada e da luta de classes. O que se faz é a necessidade de vinculação as dimensões da vida cotidiana em sua totalidade, ressaltando as opressões e explorações resultantes estruturalmente pelas relações sociais do modo de produção capitalista, que, nessa dialética configuram as expressões da Questão Social.

O fenômeno da imigração haitiana para o Brasil, segundo Lisboa e Borba (2022), tomou força a partir do ano de 2010, fato esse desencadeado por acontecimentos de ordem econômica, política e ambiental que assolaram o Haiti, e, frente a ausência de estruturas inclusivas no país diante das fragilidades institucionais e de infraestrutura.

As expressões da Questão Social, vivenciadas por mulheres no Haiti, como a miséria, a violência, o reduzido acesso à educação, à saúde e a oportunidades de emprego e renda, não se coloca aleatoriamente, mas da própria dialética do antagonismo entre classes – dominante e oprimida. Pois, mesmo com o desenvolvimento das forças produtivas do capital global, a classe trabalhadora, cada vez mais, se vê empurrada às condições extremas.

Esse cenário, nos leva a compreensão que, se considerarmos a imigração de mulheres haitianas apenas como fuga “de uma estrutura social patriarcal com rígidas noções do que constitui “propriedade” em relação a mulher” (Lisboa; Borba, 2022), de nada nos explicaria a questão gênero, caso não considerarmos a imigração como uma das expressões da Questão Social que decorre da sociedade de classes.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, podemos colocar que se trata de uma realidade complexa que se fundamenta na estrutura da sociedade capitalista e nas expressões da Questão Social, com base na divisão social do trabalho, portanto

não se pretende esgotar aqui a discussão.

Ao analisarmos essa questão sob a perspectiva de classe, percebemos que as mulheres haitianas enfrentam múltiplas opressões e são impelidas diante da dinâmica contraditória das relações de produção, a enfrentarem os desafios de construir uma nova vida em um país estrangeiro.

Sendo a imigração um fenômeno estimulado desde a gênese do modo de produção capitalista, é pertinente voltarmos os olhares a esta realidade buscando compreender como se manifestam as expressões da Questão Social diante desta conjuntura.

## **Referências**

ENGELS, F. **A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Trad. Leandro Konder; Aparecida Maria Abranches. 2º ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016

LESSA, S. **Abaixo a Família Monogâmica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012. Disponível em <https://coletivoveredas.com.br/livros-em-pdf-instituto-lukacs/>. Acesso em 20 jul 2024

LIMA, R. De L. de. **A Questão das Relações Sociais de Gênero em Marx e Engels**: contribuições do pensamento marxista para entender a opressão das mulheres. *In*: Marxismo, política social e direitos, São Paulo: Cortez, 2018

LISBOA, T. Borba, F. **Feminização das migrações haitianas, transnacionalização dos vínculos familiares e processos de violências**: apontamentos para o serviço social. Niterói – RJ: *Gênero*, v. 22, n. 2, p. 134-159, 2022

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. 2º ed. São Paulo: Boitempo, 2017

MARX, K. Engels, F. **O Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.